

ESTUDOS DE GÊNERO NA ANTROPOLOGIA: UMA ANÁLISE DO LIVRO “O GÊNERO DA DÁDIVA” DE MARILYN STRATHERN

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Antropologia/Estudos de Gênero

BERTELLI, Rebecca Brioschi¹ (rebeccabertelli98@gmail.com); **DANAGA**, Amanda Cristina² (amanda.danaga@uems.br)

¹Discente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UEMS – Paranaíba;

²Docente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UEMS – Paranaíba.

Os estudos de gênero dentro da antropologia se iniciaram e tiveram atenção após mudanças de concepções na história da disciplina, que passou a entender as sociedades como produtoras de diferentes culturas, a partir do relativismo cultural. Margaret Mead foi uma das pioneiras nesse campo de estudos. Mead se preocupou em compreender e dar importância ao temperamento dos nativos entre os quais realizou pesquisa, entendia que esse era um fator importante para compreensão das diferenças culturais, discussão presente em seu livro “Sexo e Temperamento”. Mead concluiu que não há nada intrínseco nos homens e mulheres que os façam agir de determinada maneira; não há fator biológico que determine seus comportamentos, estes são aprendidos, socialmente condicionados e culturalmente construídos. Mais recentemente, outras perspectivas acerca do tema ganharam espaço na disciplina. Essas perspectivas têm como fundamento o questionamento das dualidades criadas para categorizar os fenômenos, como por exemplo, as ideias de natureza, cultura, feminino, masculino, indivíduo, sociedade. Com o artigo “Sem natureza, sem cultura: o caso Hagen”, de Marilyn Strathern, podemos entender um pouco melhor as críticas feitas pela autora sobre as vertentes da antropologia que se utilizaram de tais classificações para explicar o funcionamento das “sociedades”. As formas de expressão de gênero fora das categorizações ocidentais são também destacadas por Strathern em “O gênero da dádiva”, etnografia realizada com o povo melanésio. Ela descreve que as trocas de presentes/dádivas são formas de integração nessas sociedades; entende que a troca é uma atividade que possui gênero, não é neutro. Strathern nos sugere pensar na distinção que os próprios Hagen, habitantes das Terras Altas da Papua-Nova Guiné e o povo da Melanésia, estabelecem entre selvagem e doméstico; masculino e feminino. Pois, entende-se que tais categoria e seus significados foram criadas e são delimitadas a partir de percepções ocidentais de sociedade, assim pesquisadores as utilizam para explicar as sociedades que estudam, porém não se torna aplicável, já que as sociedades seguem formas de vidas específicas e estabelecem suas próprias distinções. De um modo geral, as categorias que estão presentes nos estudos não são criadas pelo povo que está sendo estudado. Objetivou-se com essa pesquisa compreender o caminho dos estudos de gênero na Antropologia para entender suas transformações e diferentes perspectivas, por meio dos livros “Sexo e Temperamento” e “O gênero da dádiva”. Para a execução dessa pesquisa foi realizada a revisão bibliográfica de parte da produção antropológica e etnográfica que envolve o debate entre gênero e antropologia; seu início e desenvolvimento. Conclui-se, levantando a importância de se entender os processos de transformação da antropologia enquanto disciplina no campo dos estudos de gênero. Compreendeu-se autoras pioneiras e a forma como produziam pesquisa de campo, suas vertentes metodológicas e seus entendimentos e percepção para com “os outros”. Acompanhou-se como autores clássicos criaram categorias, para depois os autores contemporâneos apresentarem as limitações dessas categorias como redefinições das relações de socialidades que acontecem em distintos lugares, trazendo questionamentos sobre a forma de fazer pesquisa e sobre as estruturas criadas no ocidente não aplicáveis a outros povos.

Palavras-chave: Antropologia, gênero, etnografia

Agradecimentos: À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), à Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PROPI), e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa. E a orientadora pelo auxílio prestado.